

Filosofia, Música e Criação.

Vânia Mesquita [\(1\)](#)

Resumo

O presente texto relata a experiência docente em uma oficina de música com crianças do ensino fundamental numa escola pública de Araraquara-SP. O foco teórico dessa prática foi o Programa Filosofia para Crianças a qual promoveu todo o significado desse cotidiano escolar.

Em fevereiro de 2003, após o ingresso como professora em uma escola [\(2\)](#) da Prefeitura Municipal de Araraquara-SP que oferece as séries iniciais do ensino fundamental, fui incumbida de elaborar um projeto com as crianças sobre música. Esta situação apareceu como um desafio a ser cumprido de qualquer maneira. Eu, naquele momento iniciando o exercício da função de professora de Arte na Unidade Escolar, deveria desenvolver um projeto paralelo às aulas formais, juntamente com a professora de Arte do outro período. Dentro deste quadro, iniciaremos aqui as colocações sobre o tema.

Ressalto antes de tudo a importância da educação não-formal. Se tomarmos como referência o PIDI [\(3\)](#) do Sesc, por exemplo, veremos como a educação não-formal pressupõe em primeiro lugar a não obrigatoriedade do aluno em frequentar qualquer tipo de atividade dirigida, com a finalidade imediata de troca ensino-aprendizagem. Além disso, a educação não-formal visa o desenvolvimento integral do educando em atividades lúdicas, recreativas que têm como "pano de fundo" um objetivo educacional em sentido amplo, não escolar e descomprometido de antemão com uma grade curricular fixa. Espera-se, por exemplo, a integração social, o conhecimento cognitivo, o desenvolvimento de habilidades de pensamento, o desenvolvimento de habilidades físicas, a conscientização sobre fatores sociais, e assim por diante.

Como isto ocorre? A esta questão tentaremos sugerir algumas respostas no decorrer do presente texto.

De modo geral, o professor ou orientador prepara atividades sobre um ou mais temas propostos no seu espaço de trabalho (escola, clubes, organizações sociais, empresas) e oferece-o a certa comunidade interessada no tema como proposta de aprendizagem, interação, desenvolvimento de habilidades diversas, de acordo com o tema proposto.

Do aluno espera-se a participação contínua por afinidade, seja com os temas e/ou grupos de pessoas participantes e que este frequente aquele espaço pelo interesse pessoal em aprender e também em compartilhar conhecimentos.

É dentro desse quadro colocado acima que se instituiu a Oficina de Música da EMEF "Altamira Amorim Mantese" de Araraquara no ano de 2003, realizada às segundas-feiras, de abril a dezembro.

Neste relato, pretende-se colocar alguns pressupostos de trabalho com as crianças tendo como diretriz de pensamento e ação a Filosofia para Crianças ou, como colocarei posteriormente, o filosofar com crianças.

A FILOSOFIA COM AS CRIANÇAS

A proposta "Filosofia para Crianças" foi o tema fascinante que perpassou essa experiência na educação escolar na EMEF "Altamira Amorim Mantese", dentro de uma oficina de caráter não formal, cujo tema era "Música".

Tema que permeou todo meu curso de formação em Pedagogia na FCL-UNESP de Araraquara, Filosofia para Crianças não poderia estar fora de minha prática docente, numa oportunidade única de formar um grupo heterogêneo de crianças que tinham um objetivo comum: o de aprender música ou o de aprender a "musicar" - apelido que colocamos na oficina.

Como ensinar música sem sequer saber tocar um instrumento ou afinar a voz? Esse, porém, não foi um problema. Não sabemos as técnicas de todas as coisas do mundo, mas podemos entendê-las e questioná-las.

Não somos astrônomos, físicos, matemáticos ou médicos; somos professores. Porém podemos instigar a razão, a dúvida, o interesse, questionando para nós e para os nossos alunos: o que é o Universo? Por que as coisas têm forma, peso e tamanho? O que torna possível o movimento? De onde surgiram os números? Ou ainda: por que as casas são retangulares e as tumbas egípcias triangulares?

É essa a majestade da Filosofia, ou melhor dizendo, do filosofar. Podemos problematizar o mundo, as atitudes, as matérias visíveis e invisíveis.

Partindo então da proposta "Filosofia para Crianças", de Matthew Lipman, e de outros estudiosos do tema, o trabalho com um grupo de crianças pode se transformar em uma comunidade de investigação. Como ressalta Lipman:

Quando as crianças são incentivadas a pensar filosoficamente, a sala de aula se transforma numa comunidade de investigação, a qual possui um compromisso com os procedimentos de investigação, com a busca responsável das técnicas que pressupõem uma abertura para a evidência e para a razão. (1997, p. 72)

O pressuposto da Filosofia para Crianças é a possibilidade da descoberta, da dúvida, da experimentação lógica. Não há conhecimento predeterminado e não há a obrigação de transferir conhecimento. O que existe é o compromisso com o rigor do pensamento e com a verdade instaurada pelo grupo.

Voltando à experiência, o compromisso que tínhamos naquele momento era transformar um grupo de crianças de diferentes séries, com diferentes experiências e pensamentos, num grupo que tivesse um objetivo comum: o da descoberta. O que existia a descobrir de antemão era a magia da música, mas eles não imaginavam que, por trás disso descobririam a amizade, o entendimento e respeito ao diferente e a busca de superação de problemas diversos do cotidiano de um grupo de pessoas em convivência constante.

Além disso, em relação ao teor da oficina, descobririam que música estava muito além daquilo que somos obrigados a engolir da mídia, como única opção de moda no mercado na indústria da cultura.

FILOSOFIA E MÚSICA: UMA EXPERIÊNCIA

Escrevi o poema intitulado "Barulho do Mundo" quando ainda estava na Faculdade, e não havia pensado que esse seria o texto-chave para o início do meu trabalho com as crianças dois anos depois.

Era uma turma selecionada de acordo com seu interesse no tema da oficina. Havia crianças de segunda, terceira e quarta séries do ensino fundamental. Algumas com dificuldades de aprendizagem, outras com problemas de comportamento e ainda aquelas que as professoras diziam: essa é ótima!

Uma turma totalmente peculiar que, para se relacionar como grupo durante um ano, teria que internalizar posturas críticas e verdadeiras.

Começamos deste modo: fiz a leitura do poema com a turma duas vezes, perguntando em seguida se haviam gostado do que tinha sido lido e se foi entendido. Com a resposta positiva, perguntei de qual parte tinham gostado mais. E assim começamos os questionamentos. Uma pergunta interessante surgiu: som e barulho são a mesma coisa?

A partir daí começamos a nos conhecer por meio de nossas opiniões/posições a respeito de algo a ser descoberto.

Percebi naquele momento que seria um trabalho cheio de surpresas, e as crianças foram descobrindo que não estavam ali para virarem "pop stars", mas para compartilhar saberes entre si, incluindo a professora, numa relação mútua de ensinar e aprender.

É claro que enquanto professora, precisava de algo mais técnico em relação à música, pois eram muitas questões a serem superadas. Vi então a necessidade de levar algo que jamais vivenciaram. Neste momento, soube que um Maestro renomado da cidade de Araraquara, o professor Moacir, estava formando professores para trabalharem com as crianças na escola. E assim se completou a Oficina de Música.

Voltando à sala de aula, fomos (4) então - sentados sempre em roda - discutindo, experimentando, aprimorando, errando, acertando, entendendo, rindo e chorando nas mais diferentes situações. Fomos construindo nossa amizade, nossa comunidade e nosso saber, que não estava em nenhum livro ou cartilha - estava em cada um de nós.

Não tínhamos instrumentos musicais; usávamos sucatas, a cadeira e a ponta do pincel, o corpo na percussão e a voz.

Passamos meses entendendo os parâmetros técnicos da música cantando, analisando histórias e poemas, ouvindo diferentes estilos musicais, apreendendo a diversidade do tema. Até que me arrisquei a algo, que a meu ver, poucas pessoas ousariam: propor que as crianças criassem letras de música e dentro dessas letras colocassem som.

Claro que o trabalho com crianças tem que ser desprendido, ele acontece naturalmente. Não precisei chegar e dizer: "- Sentem e escrevam! Vocês *têm* que fazer isso ou aquilo". Nada disso. As crianças fazem as coisas por prazer e tudo que em são obrigadas se torna **muitas vezes** vazio de sentido.

Ressalto aqui a majestade da criação, do novo, do verdadeiro, e não do reproduzido. Kohan (2004), em seu artigo sintetiza essa idéia de forma genial:

"... tudo o que não invento é falso. Lindo, verdade? Parece fala de criança, primeira memória inventada, primeiro invento da memória, primeiro novo início. Estamos acostumados a pensar a verdade do lado da ciência, do lado da demonstração, da prova, da argumentação, da aquiescência, da conformidade, da concordância entre o discurso e a realidade. Aqui, ao contrário, a invenção é a produtora da verdade. O que significa que não há nada verdadeiro que não seja inventado, ou que só pode existir a verdade quando há invenção. O que não significa que toda invenção seja verdadeira, mas significa, diferentemente, que sem invenção não há verdade."

Estávamos agora em setembro. Lembrei-me da importância do dia da árvore, de conversar com as crianças sobre a o meio ambiente e assim foi proposto um tema para escreverem alguns versos em grupo: Árvore. Todos gostaram da idéia e começaram a produzir, conversar, questionar uns com os outros.

Ficaram lindos. Escreviam coisas sinceras, ingênuas, fantásticas, próprias de quem traz consigo a magia da criação. Logo pensei que podíamos escolher um dos versos para tentarmos cantá-lo.

Primeira tentativa:

Decidimos ler todos os versos em voz alta e que votaríamos no mais atrativo para o grupo, para que, posteriormente, pudéssemos musicá-lo. Houve uma escolha quase que unânime à produção intitulada "Mãe Natureza" de um grupo de quatro alunos. Aplaudimos o grupo e decidimos que a música seria nomeada como de

todo o grupo, afinal ela havia sido produzida na Oficina e todos nós iríamos tentar fazer daqueles versos a nossa canção. Saímos da sala de aula - pois já tinha esgotado o horário - e logo dei pela falta de um aluno que havia ficado para trás. Voltei e vi o Vinícius chorando atrás da escola. Ele disse que jamais tinha ganhado um sorteio, uma votação e que então deveria ser incapaz.

Naquela hora me senti a pior professora no universo e tive que pensar rápido para acalmá-lo. Prometi-lhe então que faríamos nova votação na semana seguinte. Fui para casa. Lia e relia as produções e eram todas dignas de vencer. Então decidi uma nova estratégia.

Segunda tentativa:

Começamos partindo da situação anterior - sem nada dizer do Vinícius - com o tema: votação. O que era? Para que servia? Ela sempre é justa? O que é justiça?

Alguns alunos comentaram que a justiça dependia da situação. Assim coloquei uma nova proposta: o que acham de todas as suas produções serem musicadas? A resposta, é claro, veio em clima de festa, mas eu precisaria do apoio de todos, pois não seria um trabalho fácil, tínhamos quatro produções a serem trabalhadas e somente oito encontros até o fim do ano. Comprometeram-se todos a cumprir o objetivo.

A partir deste momento nossos encontros eram densos. Mais do que nunca percebíamos a preocupação do grupo, pois estávamos produzindo algo que nunca havíamos feito, criando nossas próprias músicas. Até então cantávamos geralmente folclore brasileiro. Mas em grupos, fomos também experimentando sons, combinando palavras, pensando ritmos, tendo novas idéias...

Em dezembro de 2003 agendou-se uma apresentação no teatro, no centro da cidade. Nos tornamos um grupo artístico; nos apresentaríamos como artistas - e não mais estávamos restritos às apresentações da escola em datas comemorativas. Nossos convidados seriam os familiares, amigos e os professores dessas crianças.

Fomos ensaiar no local. Pela primeira vez as crianças pisaram num palco, viram as cadeiras vazias de uma platéia e puderam imaginar quem estaria lá na noite da apresentação.

Nosso repertório - que antes teria sete músicas folclóricas e uma produção própria - acabou tendo quatro de cada uma.

Na noite marcada estávamos todos lá - passamos o dia ensaiando e conversando sobre a apresentação. À noite começaram a vestir camisetas emprestadas de outra escola com cores azul, amarela e verde, pois não tínhamos dinheiro para termos nossos próprios uniformes.

A apresentação foi o que de melhor pudemos fazer. Aplausos dos familiares e amigos foram nosso maior presente. Os rostos felizes estão marcados na memória de todos nós que vivemos aqueles momentos

Dizer como tudo se concluiu é difícil. É emocionante falar dos que fizeram de minha prática algo mais do que ensinar, dos que me fizeram aprendiz e cúmplice de momentos que só uma educação aberta ao inesperado proporciona.

OUTRAS INFLUÊNCIAS TEÓRICO-PRÁTICAS

Em primeiro lugar ressalto a proposta Filosofia para Crianças. Gosto dela tal como vem sendo estudada e criticada, como por exemplo, no grupo de Estudos e Pesquisas de Filosofia para Crianças (GEPFC) [\(5\)](#) "A Filosofia na Formação da Criança" de Paula Ramos de Oliveira (2004), entre outros.

Filosofia com crianças... Esta palavra - "com" - nos permite entender a posição que o educador se coloca na sua prática em sala de aula ou em qualquer situação educacional. Ele sempre tem o saber curricular, mas troca-o com as crianças (e não o passa para as crianças); permite-se aprender com elas e faz disso o resultado verdadeiro de sua prática consciente.

Em seguida destaco o meu trabalho como estagiária no projeto curumim do Sesc de Araraquara como uma experiência que, certamente, tornou possível posteriormente esta Oficina de Música.

Naquele momento pude entrar em contato direto com a prática da educação não-formal, que visa à vivência, a experiência como pré-requisito da aprendizagem. Aprender e conhecer ficam, portanto, numa base revestida de também primordial importância. Porém, o fundamental é dar vazão à criatividade e a ludicidade durante todo o processo.

Por fim, nada disso teria esse desfecho em forma de espetáculo, não fosse o incentivo do Maestro Moacir, com seu modo de passar os conhecimentos tão complexos da música numa linguagem lúdica e de fácil apreensão por minha parte, para que com a mesma facilidade as crianças pudessem conhecer o tema.

Os parâmetros do som, a afinação da voz, a coragem e a beleza de soltar a voz, a percussão corporal, foram a base do processo de aprendizagem no curso e, conseqüentemente, na oficina com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sempre possível inovar, arriscar e confiar nas crianças. Dentro da sala de aula ou fora dela, as crianças estão prontas para criar e recriar; sua imaginação ultrapassa o nosso entendimento. É preciso que confiemos em suas verdades inventadas.

Um educador que entra em contato com essa verdade, com o universo de novidades das crianças, jamais voltará atrás. Não conseguirá ensinar daquela

maneira tradicional. Terá gosto pelo caos e verá que o tema do Colóquio no qual esse relato foi apresentado se faz na realidade cotidiana da educação: "O caos como lugar possível de ordem."

BIBLIOGRAFIA

KOHAN, W.O. Imagens da Infância para (re) pensar o currículo. Acessado em <http://www.resafe.rg3.net> . 04/2004.

LIPMAN, M. SHARP, A. OSCANYAN. S. F. A filosofia na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria. 2ª ed. 1997.

OLIVEIRA. P.R.de. Filosofia para a formação da criança. São Paulo: Thompson, 2004.

(1) Formada em Pedagogia pela Unesp- Araraquara. Atualmente professora PEB I Na EMEF "Altamira Amorim Mantese" Araraquara- SP.

(2) EMEF "Altamira Amorim Mantese".

(3) Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil. Documento feito pelo SESC dentro da Administração Regional no Estado de São Paulo, 1986. Revisão 2000.

(4) Não me coloquei em nenhum momento desta experiência como a detentora do saber e sim como participante da descoberta, como todos os alunos, numa relação horizontal.

(5) Grupo de Estudos da Faculdade de Ciências e Letras- UNESP - Araraquara, fundado em 1998.